

Página Inicial

Agenda de Eventos

Especial - Acordo Ortográfico

Artigos

Artigos de IC

Blog

Reflexões sobre o ensino de línguas

Resenhas

Textos Literários

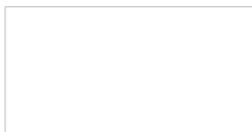
Edições Anteriores

Junte-se a nossa lista de e-mails!

Email Address

Subscribe

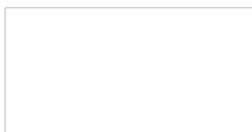
Veja também:



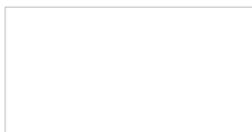
Instituto Matoso Câmara



Biblioteca Digital Mundial



Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti



Ceditec

O DISCURSO JORNALÍSTICO E A APROPRIAÇÃO DOS ENUNCIADOS COMO RECURSO ARGUMENTATIVO

Geraldo Generoso Ferreira^[1]

Introdução

Com o advento da Análise do Discurso, observa-se uma mudança de olhar em relação aos textos que circulam em nossa sociedade, questões como ideologia, relações de poder, ações políticas e considerações sobre o sujeito ganham uma considerável importância. Dessa forma, passa-se a conceber os textos circulantes como discursos estruturados em função dos seus objetivos e em consideração a esfera social de circulação. Neste contexto, os textos jornalísticos passam a ser vistos como discursos estruturados em relação aos seus propósitos comunicativos e às esferas sociais que os se inscrevem.

Como se sabe, o discurso jornalístico não é neutro, pois está sempre perpassado por vozes e enunciados em função da ideologia que esse partilha, bem como dos sujeitos que o compõe: jornalistas, editores, articulistas, revisores, etc. Assim analisar a configuração da linguagem nesse tipo de mídia não é tarefa simples. Mas ignorar tais fatores que subjazem à superfície discursiva das notícias jornalísticas, também é ingenuidade e no caso do para o professor de Línguas, esse deve estar consciente e balizado teoricamente ao trabalhar com o referido gênero em sala de aula. Tal profissional deve e precisa conhecer melhor este instrumento social, bem como, construir, juntamente com seus alunos, um conhecimento crítico sobre o gênero notícias jornalísticas. Só assim, balizados pelo olhar crítico sobre a mídia impressa, bem como a digital, os alunos poderão utilizá-las, conscientes dos fatores que as constituem enquanto instrumento de interação social.

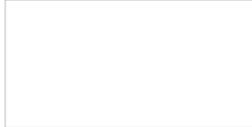
Desse modo, a linguagem pode ser analisada não apenas como um simples instrumento de comunicação, mas, sobretudo, como uma forma agir sobre o mundo e conseqüentemente, sobre os sujeitos nele inseridos. As interações sociais, neste contexto ganham, um significado maior, revelando dizeres e fazeres até então desconhecidos ou ocultos.

O presente trabalho busca analisar uma notícia veiculada em dois jornais impressos de circulação nacional, observando de que maneira o mesmo fato foi reproduzido por esses veículos. O trabalho busca ainda observar quais recursos discursivos foram utilizados nos relatos do mesmo fato e quais efeitos esses recursos poderiam causar ao público alvo. Como fundamentação teórica, utilizamos autores da análise do discurso de linha francesa, bem como pesquisadores da semântica argumentativa.

Para tanto, concebemos a notícia, neste caso, como um fazer argumentativo que, ao selecionar e reproduzir enunciados, constrói novos discursos, modificando ou endossando os já estabelecidos em determinadas esferas sociais nas quais o gênero em questão circula.

Contextualizando o fato

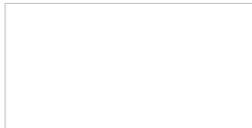
A notícia analisada trata-se de uma declaração feita pelo ministro da Saúde, José Gomes Temporão, por ocasião do lançamento nacional da campanha contra a hipertensão, no Rio de Janeiro, no dia 26 de abril de 2010. Em seu discurso sobre a necessidade e a importância de se ter uma vida saudável no combate à hipertensão, o ministro ressaltou, dentre as medidas profiláticas, o consumo de frutas e alimentos com baixo teor de sal, a



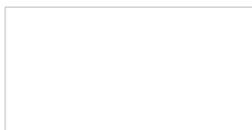
Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos



Domínio Público



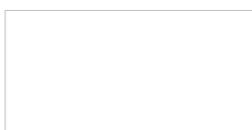
GEScom



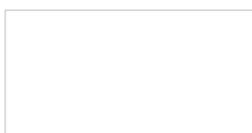
GETerm



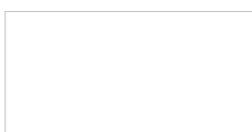
iLteC



Institut Ferdinand de Saussure



Letr[a]s.etc.br



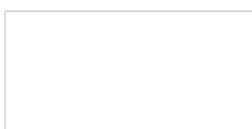
Portal da Língua Portuguesa



Portal de Periódicos Capes



Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!

prática de atividades físicas e proporcionar prazer e, consequentemente, aumentem a qualidade de vida das pessoas.

Em tom de brincadeira, o ministro disse aos jornalistas presentes que as pessoas deveriam fazer sexo cinco vezes por dia, mas questionado, ele corrigiu dizendo que cinco vezes por semana seria melhor. No final do discurso Temporão recomendou mais uma vez aos presentes que dançassem, fizessem sexo, mantivessem o peso, fizessem atividades físicas e que principalmente, medissem a pressão.

O fato teve repercussões e foi notícia nos principais jornais do país no dia seguinte. A maioria das notícias, entretanto, buscava evidenciar a brincadeira do ministro como uma prescrição médica no combate a hipertensão.

Contudo, a forma como os enunciados foram construídos nos diversos jornais, trazia enfoques diferentes e, até mesmo, modificavam a declaração do ministro, induzindo ao leitor a uma visão distorcida do fato. Para Santos (2000):

Quando o escritor escolhe expressar algumas informações ao invés de outras, quando ele opta por determinada organização dos constituintes textuais, ele está fomentando e manipulando as expectativas do leitor e, principalmente, ele está argumentando. (SANTOS, 2000, p.15)

Algumas notícias foram construídas de forma a evidenciar a recomendação do político como verdade, apagando o tom de brincadeira contido na declaração. Outras apontaram, de forma superficial, que foi apenas uma brincadeira do Ministro. Algumas notícias, entretanto, pautadas em dados estatísticos e depoimentos de especialistas, abordaram o fato de forma mais complexa, ressaltando o contexto de produção da notícia e as fontes envolvidas de maneira a ampliar este recorte do fato noticiado.

Fundamentação teórica

Como fundamentação teórica o presente trabalho apoia-se nas considerações acerca do discurso jornalístico proposto por Cardoso (2003) e Nascimento (2002). Busca-se ainda o referencial da semântica argumentativa em que os conectores argumentativos vistos por Ducrot (1977) e Koch (1984) são considerados formas de ação sobre o interlocutor no sentido que o orienta a determinada conclusão em relação aos enunciados que configuram o texto, ou o discurso. No que se refere à constituição dos enunciados, os conceitos de Tugendhat e Wofl (1997) serão de extrema importância visto que tais autores consideram a estruturação desses como algo de caráter argumentativo sendo selecionados e organizados de forma a responder aos objetivos do discurso jornalístico. Enfim, as Teorias do discurso que consideram principalmente o processo de construção da enunciação e do enunciado, também servirão de base teórica para as discussões aqui propostas.

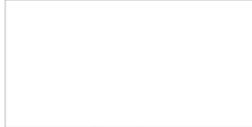
Análise das notícias

Para a análise das notícias foram escolhidos dois dos principais jornais impressos do país. A escolha teve um caráter metodológico focado, principalmente, na abrangência de circulação destas publicações em relação ao Brasil. Assim, escolheu-se o jornal *O Globo* e o *Folha de São Paulo* já reconhecidos pelos brasileiros pela sua tradição.

Jornal *O Globo*

Ao analisarmos a notícia veiculada no jornal *O Globo*, percebe-se no título uma recomendação do ministro da saúde para a prática sexual como forma de combate a hipertensão: “**Temporão recomenda sexo contra hipertensão**”. O uso do verbo recomenda dá um caráter prescritivo a declaração do ministro, o que pode ser apreciado pelo leitor como, no mínimo, inusitado. Por outro lado, por ser o enunciado atribuído ao ministro, esse o confere um caráter de autoridade a afirmação feita. Não se trata de qualquer pessoa a recomendar o a prática do sexo como medida profilática no combate a hipertensão, mas trata-se o Ministro da Saúde. Contudo, ao usar o nome do político em oposição ao cargo que este ocupa, o efeito de sentido parece um pouco minimizado no contexto da notícia. Observa-se ainda o jogo sonoro das palavras **Temporão/ hipertensão**, como recurso de fixação do tema a ser abordado.

No subtítulo: “**Ministro afirma que prática, como forma de prevenção, é tão benéfica quanto dançar e fazer exercícios físicos**” a escolha do verbo “afirma” reforça, novamente, o caráter taxativo atribuído pelo jornal a declaração feita pelo ministro da Saúde. No entanto, ao lermos o conteúdo da matéria percebe-se que, na verdade, o ministro fez uma relação das benesses das atividades físicas no combate a hipertensão e o sexo estaria dentre as atividades. O jornal, todavia, fez um recorte da fala: “- **Além de cinco porções de frutas ao dia, iria propor fazer sexo cinco vezes ao dia** - brincou o ministro dizendo, em seguida, que o recomendável é uma frequência de pelo menos cinco vezes por semana”. Dessa forma, o jornalista, ao reproduzir o enunciado do ministro, em um contexto específico (Lançamento da campanha nacional de combate a hipertensão),



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

produz um enunciado que foi dito, em forma de brincadeira, viesse a ser veiculado como verdade. Tugendhat e Woff (1997, p.22) salientam que o enunciado, construído a partir de frases enunciativas, exprime algo, dá algo a entender e possui uma pretensão de verdade. Daí a reconstrução de enunciados em determinado discurso, tomar forma e ou, até mesmo, transformar o discurso inicial, no caso em questão, o combate a hipertensão.

Faz-se necessário também entender a configuração dos enunciados em qualquer discurso como algo elaborado e estruturado de forma a manter as relações dialógicas que qualquer discurso se propõe. Daí o seu caráter articulatório imanente. Para Foucault (1995), o enunciado é um acontecimento e:

está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, [...] é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; [...] está ligado não apenas a situações que o provocam, e a conseqüências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem. (FOUCAULT 1995, p.32),

Para tanto, o jornalista procurou selecionar e reproduzir as falas específicas do ministro, como em: “- além de propor cinco porções de frutas ao dia, iria propor fazer sexo cinco vezes ao dia-”. E ainda: “- é sério. Fazer atividade física regular significa também fazer sexo. Com proteção, claro”. Deve-se perceber, porém, que estas não foram as únicas falas do ministro naquele momento, contudo, para o satisfazer os seus objetivos enquanto produtor e interpretador de enunciados, o jornalista selecionou tais falas e, ao fazê-lo, transformou e deformou o discurso em questão. Cardoso (2001) afirma que:

O jornalismo, portanto, é produtor e interpretador de um conjunto de enunciados, através dos quais o jornal toma corpo. Como em qualquer forma de linguagem, o discurso jornalístico é um ato de enunciar, enquanto ato de dizer mundo. No seu discurso, o jornalismo fala a outro, fala ao outro e com o outro. Faz parte do dizer social, dado que a linguagem é um ato social. Ao enunciar, somam-se ao seu discurso valores e ideologias embora, por vezes, sejam contraditórios.(CARDOSO, 2001, p.53)

Daí a importância e a dimensão que certos enunciados ganham ao serem organizados de maneira específica, atendendo a objetivos também específicos do autor da matéria, bem como do jornal a que esse está associado. No jornal em questão, observa-se que não se buscou analisar o fato em sua totalidade discursiva, mas simplesmente possibilitar ao leitor uma visão restrita de que o ministro realmente recomendou a prática de sexo como forma de combate a hipertensão.

Na seleção dos enunciados feita pelo jornalista, observa-se que o fato foi reconstruído, tomando apenas os enunciados que reportavam a questão sexual na fala do Ministro. Todavia, o tema que gerou a notícia não era a prática sexual como forma profilática de combate a hipertensão, mas sim a necessidade de combate a hipertensão e as benesses de uma vida saudável neste contexto. Para Nascimento (2002), falar em discurso jornalístico é falar de uma forma de ação, de uma forma de colocar em movimento relações sociais, não mais por sua delimitação temática, mas por seu contorno significante.

Percebe-se assim, que o jornal ao reproduzir o fato, o reproduziu organizando e selecionando enunciados que desencadearam na configuração de outros fatos e, conseqüentemente, de uma outra realidade significante. Nessa nova realidade o tema e o fato são invertidos, modificando a ordem enunciativa dos acontecimentos e também as ações dos sujeitos envolvidos.. Neste caso, uma declaração feita num contexto específico, torna-se o enunciado principal dentre os diversos enunciados que configuram um todo enunciativo, resultando numa ação argumentativa de orientação divergente a inicial. No caso em questão, o jornal ao tomar a fala do ministro de forma restrita, configura uma nova realidade em que o tema passa a ser: o sexo como forma de combate a hipertensão. E o fato torna-se a recomendação do ministro a prática do sexo. Contudo, como já observado, o tema inicial, no contexto geral seria: Campanha Nacional de combate a hipertensão. E o fato seria as sugestões do ministro para o combate a hipertensão.

Jornal Folha de São Paulo

Curiosamente, o jornal *Folha de São Paulo* também traz o mesmo título, substituindo apenas o nome **Temporão** por **Ministro**. Tal escolha lexical, no entanto, não deve ser vista apenas como uma simples troca de palavras, mas como salienta Koch (1984), faz parte de um jogo argumentativo em que o léxico ministério é personificado, ou seja, ganha caráter e poder de ação como pessoa. Ducrot (1977, p.20), analisando a questão dos implícitos em enunciados, ressalta que: "implícito é o que os fatos implicam:

ele me disse x: ora, x implica y; logo, ele me disse y". Tomando tal fórmula, podemos observar que ministro implica ministério, logo ministério disse e não o ministro. Ou seja, ao enunciar ministro, não se trata da sua pessoa puramente, mas do poder institucional o qual esse representa daí e o peso argumentativo de tal escolha lexical num todo discursivo, construído ao longo da matéria. Santos (2000) também observa o poder argumentativo de termos e expressões lingüísticas ao enunciar que: "A escolha de termos, para exprimir o pensamento, raramente apresenta-se desprovida de argumentação. Não há escolha neutra"(SANTOS, p.18). Todavia, no subtítulo tem-se a diluição argumentativa da chamada inicial: **Sugestão de Temporão, feita em tom de brincadeira, veio junto de outras para que o brasileiro se exercite e consuma menos sal**

A frase explicativa entre parênteses mostra que, na verdade, se tratou de uma brincadeira, o que, de certa forma, minimiza a argumentação inicial do título. A reportagem, entretanto, começa com a fala do ministro "Façam sexo" fato que, a princípio, poderia chocar os leitores, mas ao longo da matéria, percebe-se que seu o foco é voltado, realmente, ao problema da hipertensão no Brasil. Para esse enfoque, o autor utiliza-se de dados de pesquisas recentes sobre o aumento de pessoas hipertensas no país nos últimos anos.

Em seguida, volta-se a sugestão feita pelo ministro sobre a prática sexual como forma de combater a hipertensão. O que é visto como uma brincadeira do ministro pelo jornalista autor da matéria, constatado em seu texto: "**Inicialmente, o ministro brincou...**". Após esse enunciado, tem-se novamente dados estatísticos de uma pesquisa sobre a freqüência de atividade sexual dos brasileiros, apontando que 23% dos entrevistados não teriam tido relações sexuais em determinado período do ano de 2009. No final do relato, volta-se a outra fala de Temporão: "**Dancem, façam sexo, mantenham o peso, façam atividades físicas e principalmente, meçam a pressão**" Como forma de sustentar, mais uma vez, o discurso de Temporão, o jornal apresenta, na seqüência, a fala do presidente da Sociedade Brasileira de Hipertensão, conferindo sentido aos enunciados do Ministro: "Para Fernando Nobre, presidente da Sociedade Brasileira de Hipertensão, o conselho do ministro faz sentido: **Toda atividade prazerosa tem um valor no combate à hipertensão**, disse."

O texto traz ainda informações sobre alimentação adequada e um quadro explicativo e ilustrado sobre como funciona a pressão arterial e como essa pode ser afetada, seus riscos e sintomas mais comuns. Assim, o assunto não é abordado puramente sob a ótica da declaração do ministro e numa avaliação do jornalista, mas num quadro mais amplo de vozes ou enunciados centrados na temática do combate a hipertensão como foco principal, embora pra isso, tome, como base, os enunciados produzidos pelo ministro e, ao mesmo tempo, recorrendo ao discurso citado na construção da notícia. Cardoso(2001), fazendo menção ao que Bakhtin chamou de discurso citado, aponta que:

O jornal utiliza-se da enunciação de outrem ou discurso citado para dar credibilidade ao seu discurso: não foi o jornal quem disse, mas a fonte, o entrevistado. Mesmo que o seu discurso seja enfraquecido para poder fortalecer o enunciado da fonte, acaba realçando o seu próprio discurso, como narrador fidedigno. As citações dão autoridade ao seu enunciado. (CARDOSO, 2001, p.54)

Ao lado da notícia, tem-se também uma entrevista com um médico da Sociedade Brasileira de Cardiologia sobre a relação do sexo no combate a hipertensão. Para o médico entrevistado, a sexualidade saudável faz farte das boas práticas de vida que todos, inclusive, os hipertensos, devem atentar, embora ressalte que, ainda, não há estudos científicos comprovando a relação direta entre a atividade sexual e a hipertensão. O jornalista entrevistador, na última pergunta, questiona ao médico: – "**Mas o ministro falou bobagem?**" E esse prontamente responde que não, argumentando que a fala de Temporão está centrada na qualidade de vida, sendo o sexo parte dessa. Dentro desta concepção, segundo o Médico, o ministro estaria correto ao fazer tal afirmação.

Ao utilizar-se da entrevista, o jornal tenta, novamente, compor em seu quadro de discursos citados, uma voz que também analisa o enunciado de apelo sexual, feito pelo Ministro da saúde. Ao fazê-lo, instaura-se mais uma voz dentre outras já citadas, em busca de uma conclusão ao fato desencadeado pelos enunciados de Temporão. Nesta perspectiva, deve-se lembrar que todos os enunciados, tidos como fontes ou discursos citados, convergem ao discurso do ministro, reforçando a idéia de que a atividade sexual ajuda no combate a hipertensão.

É interessante observar que o texto do *Folha de São Paulo*, diferente do *O Globo*, é construído por diferentes vozes explícitas, o que confere uma visão mais ampla sobre o assunto tratado e, como já mostramos, lhe dá mais credibilidade. Esses enunciados são organizados de forma a abordar o problema central que é o Combate a hipertensão. O jornal recorre ao enunciado do ministro, neste contexto, apenas como um "chamativo" para o tema principal.

Dessa forma, nota-se que a declaração dada pelo ministro, e tida como polêmica pela imprensa, é construída no *Folha* com todo um respaldo de vozes alheias como dados de pesquisas e falas de especialistas. Assim, ainda que possa ser tido como estranho, o discurso do ministro é endossado pelos discursos de autoridade, tornando-o aceitável. Já *O Globo* cria seu texto em torno de enunciados próprios, não oferecendo ao leitor uma possibilidade de leitura mais ampla e até mesmo um posicionamento sobre o tema tratado. Em outras palavras, podemos dizer que, ao negar ao leitor uma possibilidade de leitura mais ampla sobre o fato em questão, *O Globo*, neste caso, escamoteia uma postura em relação ao dizer do Ministro. O mesmo também podemos notar em *Folha*, ao dar o leitor essa opção de leitura ancorado nas vozes alheias. Na visão de Ducrot (1977), dizer é sempre fazer ainda que este dizer diga “tudo”, há um “nada” silenciado e que, também, é de natureza argumentativa.

Considerações finais

Podemos dizer que o discurso jornalístico nunca se configura como neutro, já que as vozes que o perpassam estão sempre ligadas a determinadas esferas culturais, políticas e ideológicas. Da mesma forma, os enunciados que o constituem são configurados de modo a modificar ou endossar outros já situados sócio-historicamente. Por conseguinte, os discursos produzidos por esse meio servem como sustentação ou oposição aos configurados nas diversas esferas de interação social proporcionadas pela mídia em questão. Assim, dizemos que, no caso da notícia jornalística impressa, seu papel estaria além de reproduzir fatos e acontecimentos; caberia ainda, a função de organizar enunciados e vozes socialmente situadas nesses acontecimentos. Como resultante desse processo, emergem-se novos discursos bem como se mantêm os já existentes.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, Darlete. O jornalismo como reproduzidor de enunciados. In: **Linguagem e (Dis)curso**. Tubarão, v.1, n.2, p.51-57, jan/jun 2001.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica lingüística** (dizer e não dizer). São Paulo: Cultrix, 1977.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1997.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete**. São Paulo: Annablume, 2002.

TUGENDHAT, Ernest, WOLF, Ursula. **Propedêutica lógico-semântica**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SANTOS, Maria do Carmo, O.T. **Retratos da escrita na universidade**. Maringá: Eduem, 2000.

^[1] Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté, UNITAU. Endereço eletrônico: ggeneroso2000@yahoo.com.br

Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.